

## Linhas Gerais e Novas Tendências da Crítica do Pentateuco

*Antônio Renato Gusso<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Ciências Contábeis pela UFPR (1982), bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (1987), mestrado (1996) e doutorado (2003) em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, mestrado (2005) e doutorado (2007) em Ciências da Religião pela UMESP (2005), e Pós-doutorado (2011) em Teologia pela EST, em São Leopoldo, RS. Ex-coordenador do Mestrado em Teologia da FABAPAR, onde também leciona e, atualmente, exerce a função de Pró-reitor. Ex-diretor e atual professor na Faculdade Batista Pioneira. Professor visitante do curso Master of Theological Studies, no Seminário Teológico Batista, em Queluz, Portugal. Professor do Mestrado em Ministério da Carolina University, na Carolina do Norte (USA). Membro dos seguintes Conselho Editoriais: Revistas Via Teológica; Batista Pioneira; Presente Diário; e do Jornal O Batista Pioneiro. Membro do Conselho Científico da Revista Pistis & Praxis (2014-2016), da PUCPR.

## General Guidelines and The New Tendencies of the Pentateuch Criticism

### RESUMO

O autor deste artigo apresenta de forma resumida as linhas gerais da história da crítica do Pentateuco, analisando os seus inícios, desenvolvimento e influência. Discorre a respeito da aplicação ao Pentateuco da crítica textual, literária, da forma e das tradições, além de chamar a atenção para propostas críticas que marcaram época, como as defendidas por von Rad, Wolff e Brueggemann, e também por Clines. Dá, ainda, ênfase às novas propostas da crítica e aponta para suas tendências futuras.

Palavras-chave: Pentateuco, crítica textual e literária.

### ABSTRACT

The author of this article shortly presents the general guidelines of the Pentateuch historical criticism, analyzing its beginnings, development and influence. He treats the textual, literary, and the form criticism as well as some traditions, bringing to light the main ideas in history, such as those defended by von Rad, Wolff and Brueggemann, and Clines. He emphasizes the new proposals and points out to some future tendencies.

Key-words: Pentateuch, textual and literary criticism.

### INTRODUÇÃO

Trabalhar o texto bíblico de uma forma crítica, como se faz com qualquer documento antigo, procurando descobrir a sua origem e o seu conteúdo inicial, entre outros detalhes que possam ajudar na compreensão do significado real e explicar as dificuldades, que não são poucas, desde o início trouxe problemas para os estudiosos. Como se trata de um texto especial, considerado inspirado por Deus ao mesmo tempo em que se trata de material histórico, esta forma de estudo, muitas vezes, surge como se fosse uma ameaça à tradição. Sendo assim, o trabalho do crítico consciente quanto aos problemas que envolvem a fé e as interpretações de grupos em particular, que já não é fácil, por sua natureza científica e falta de dados esclarecedores, se torna ainda mais difícil. Não basta se chegar a uma hipótese plausível, é necessário que a mesma seja apresentada de

forma coerente, convincente e não agressiva contra as ideias anteriores cristalizadas pela aceitação acrítica da Igreja no decorrer dos séculos.

Fica claro no estudo da história da abordagem crítica do Pentateuco e mesmo de toda a Bíblia, que muitos dos críticos não foram assim cuidadosos e, em determinadas ocasiões, apresentaram suas conclusões apressadamente, sem uma avaliação das conseqüências sociais e espirituais de suas afirmações. Isto atraiu sobre eles ataques pesados da parte de segmentos conservadores, os quais se sentiam ameaçados. Não é raro, como resultado disto, encontrar renomados eruditos se opondo às conclusões da crítica, como se estas fossem uma tentativa de destruir as verdades da Bíblia.

Estas atitudes incoerentes, crítica insensível de um lado e defesa cega de outra, só fizeram com que o desenvolvimento do estudo bíblico estacionasse ou, ao menos, diminuísse a sua marcha, gastando muito tempo nos mesmos pontos. Ainda é possível perceber nos dias atuais, embora não com tanta intensidade como foi no passado, algum tipo de oposição à abordagem crítica da Bíblia. Basta àqueles que são professores em Seminários Teológicos Evangélicos apresentarem alguns resultados da crítica atual para alunos iniciantes, recém-chegados das igrejas, para comprovarem a veracidade disto que foi dito até aqui. Muitos reagem como se a crítica fosse um insulto à Bíblia. Vai contra algumas coisas que aprenderam em suas igrejas e jamais questionaram. Mais tarde, com as mentes mais abertas, passam a perceber as vantagens edesvantagens das posições que abraçavam.

Não há a intenção, aqui, de discorrer a respeito das vantagens e desvantagens da abordagem crítica do Pentateuco. Nem de defendê-la ou atacá-la. O objetivo é apresentar como foi que ela teve início, como se desenvolveu até agora e em que direção demonstra que, possivelmente, seguirá nos próximos anos. Uma observação atenta de sua trajetória poderá livrar o estudante de cometer alguns erros e ajudar a compreender melhor o tão discutido texto desta coleção chamada Pentateuco.

## **1. O INÍCIO DO ESTUDO CRÍTICO DO PENTATEUCO**

Passaram-se muitos anos antes que alguém pensasse em abordar o Pentateuco de forma crítica. Os judeus, desde tempos muito antigos, sem questionamentos, vinham atribuindo à obra, como um todo, a autoria de

Moisés. Segundo Thompson, Ben Siraque, além de Filo e Flávio Josefo já defendiam a autoria mosaica para o Pentateuco.<sup>2</sup>

A Igreja, inicialmente, não tinha porque trilhar por outros caminhos. Surgiu dentro do judaísmo e, de forma muito natural, assumiu a tradição judaica a respeito da autoria do Pentateuco. Desta forma, até o século XVII, poucos foram os estudiosos contrários à aceitação de Moisés como seu autor.<sup>3</sup> Não havia motivos para abordar de forma crítica aquilo que todos aceitavam como sendo autoridade.<sup>4</sup>

Um dos primeiros estudiosos a fazerem algum tipo de observação crítica ao Pentateuco foi um judeu chamado IBN ESRA, falecido em 1167. Ainda que cauteloso, devido ao respeito pela doutrina da inspiração verbal, analisando alguns textos, concluiu que Moisés não poderia ter sido o autor, pelo menos, do Livro de Deuteronômio.<sup>5</sup> Ainda que de forma modesta era o início de uma nova maneira de se aproximar destes textos.

Foi na Idade Média que muitos passaram a observar as dificuldades para se manter a tradição, e começaram a apontar detalhes estranhos nos cinco primeiros livros da Bíblia que pareciam indicar outro autor que não Moisés. Foi aí, por esta época, embora ainda não houvesse um grande desenvolvimento no estudo crítico, que ficou determinado, por parte de vários estudiosos, que o Pentateuco era uma obra anônima. A tradição havia atribuído a ele mais do que a própria obra reivindicava para si.<sup>6</sup>

A princípio pode parecer não ser tão importante ter-se concluído que não foi Moisés o autor do Pentateuco. Contudo, esta afirmação levantaria outro problema ou, ainda, outros problemas. Afinal, se não foi Moisés o autor, quem foi? Se esta obra não provém do grande líder que dirigiu o povo de Israel na saída do Egito, como vinha sendo afirmado pela tradição há tanto tempo, de onde e como pode ter surgido? São questões que foram levantadas, e, na tentativa de respondê-las é que, de fato, passou a se desenvolver a pesquisa e a crítica do Pentateuco.<sup>7</sup>

2 THOMPSON, J.A. Deuteronômio: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982. p. 46.

3 SELLIN, Ernest & FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. p. 137.

4 JONES, Landon. O *Kerygma* do Pentateuco. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Curso de Mestrado, 1998. p. 2.

5 SELLIN. op. cit., p. 4

6 SELLIN, op. cit., p. 137.

7 Ibid., p. 138.

Benedito Spinoza, em 1670, foi quem acrescentou à crítica da época, que se baseava nas contradições isoladas e no estilo dos escritos, o princípio metodológico da “razão natural” para a interpretação, no lugar de uma “iluminação sobrenatural”. Desta forma, a interpretação passaria a depender do intelecto, patrimônio de todos os homens e não de alguma autoridade externa.<sup>8</sup>

Estavam sendo dados os primeiros passos, mas ainda faltava resposta ao tratamento fundamentalista que vinha sendo praticado até aquela época.<sup>9</sup>

Os precursores da pesquisa crítica foram H. B. Witter (1711) e J. Astruc (1753), os quais praticaram uma espécie de análise lingüística do texto, partindo da diferença e alternância dos nomes divinos Javé e Elohim.<sup>10</sup> Para eles, estes dois nomes sendo utilizados para Deus, alternadamente dentro do texto, eram evidências da utilização de duas fontes diferentes para a composição do Pentateuco.<sup>11</sup>

A pesquisa de Witter foi bastante limitada. Ela tratou apenas dos textos relacionados com a criação, nos quais reconheceu as duas narrativas diferentes como base para a composição atual. J. Astruc foi mais além e chegou a distinguir, além das duas fontes principais, outras dez secundárias, que teriam sido utilizadas na composição do Livro de Gênesis. Na opinião dele, Moisés havia utilizado estes materiais.<sup>12</sup>

Johann Eichhorn, um crítico alemão que ficou conhecido como o “Pai do criticismo do Antigo Testamento”, adotou a metodologia de Astruc e foi de grande influência para outros críticos de sua época. Assim como Astruc, reconheceu o processo de transmissão oral do material do Pentateuco, mas direcionou a sua ênfase para o processo de produção dos documentos propriamente ditos. Sua influência pode ser percebida nos trabalhos de Alexander Geddes também de Johann Vater.<sup>13</sup>

8 Ibid., p. 5-6

9 NOBILE. Marco Introduzione all' Antico Testamento: La Letteratura veterotestamentaria. Bologna: Edizione Dehonian e Bologna, 1995. p. 24.

10 SELLIN, op. cit., p. 6, 139.

11 BRUCE. F. F. Criticismo Bíblico. In ALLEN, Clifton. ed. ger. Comentário Bíblico Broadman. Rio de Janeiro: JUERP. 1988. p. 355.

12 SELLIN, op. cit., p. 139.

13 JONES, Landon. O *Kerygma* do Pentateuco. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de Sao Paulo. Curso de Mestrado, 1998. p. 4.

Esta distinção de fontes diversas na composição do Pentateuco, mais precisamente no Livro de Gênesis, a esta altura das pesquisas, levou a novas tomadas de posição dos estudiosos tanto quanto à composição como em relação à autoria do Pentateuco. Semler, por exemplo, após as distinções das fontes, passa a pedir, para todo o Antigo Testamento, um tratamento semelhante ao dispensado aos outros tipos de literatura, livre das influências da tradição.<sup>14</sup>

Astruc, que não era um teólogo, pode-se dizer, profissional, mas um médico apaixonado pela leitura da Bíblia, decidiu, depois de longa pesquisa, publicar por conta própria os resultados de seus estudos,<sup>15</sup> acabou sendo, talvez sem esperar, o provocador de um debate intenso que tem atravessado mais de dois séculos.

O próximo ponto tentará demonstrar como a teoria das fontes, que aqui teve seu início, se desenvolveu com o passar dos anos, recebendo contribuições de diversos eruditos.

## 2. AS FONTES DO PENTATEUCO

A teoria de que o Pentateuco teve sua composição a partir de vários documentos e não das mãos e mente de um único autor, no caso Moisés, demorou para surgir no cenário dos estudos bíblicos. Mas, com o seu surgimento, causou um verdadeiro frenesi nos meios intelectuais. Faltava apenas o passo inicial. Feito isto, muitos procuraram modificar, ampliar ou explicar de forma melhor a teoria básica, causando, com isto, o surgimento de várias hipóteses.

As linhas abaixo apresentarão, com base no trabalho de Sellin, como foi o desenvolvimento desta questão.

### 2.1 As várias hipóteses

O passo seguinte a Jean Astruc em relação à Hipótese dos Documentos foi dado por Johann Gottfried Eichhorn, com a publicação de sua obra de introdução ao Antigo Testamento que foi publicada em 1780-83.<sup>16</sup>

14 SELLIN. op. cit., p. 6.

15 RAVASI, Gianfranco. Antico Testamento: introduzione. Italia: Arnoldo Mondadori Editore, 1993. p. 53.

16 ARCHER JR, G. L. Merece Confiança o Antigo Testamento?. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986. p. 466.

A primeira hipótese dos documentos, defendida por Eichorn, apresentava o Pentateuco como sendo formado a partir de várias fontes, as quais foram trabalhadas pelas mãos de um redator, ou revisor final, que deu a elas o sentido atual de conjunto.<sup>17</sup>

Inicialmente, atribuiu a Moisés este trabalho redacional, mas, nas edições posteriores reconheceu que isto se deu após o período deste líder de Israel.<sup>18</sup>

Em seguida surgiu a hipótese dos fragmentos. Geddes, Vates e De Wette, em parte, foram os defensores dela. Ela partiu de uma análise dos códigos legais do Pentateuco. Estes dão a impressão de serem autônomos, independentes das outras partes do Pentateuco e a partir desta descoberta, tentou-se entender o processo completo de formação destes escritos. Contudo, não foi possível entender o conjunto todo, em especial as partes narrativas e a sua cronologia.<sup>19</sup>

Depois desta veio a hipótese complementar. Era a tentativa de Ewald para resolver o problema. Ele propunha uma única fonte base para o Pentateuco, a qual teria sido completada mais tarde. Em pouco tempo o próprio Ewald se afastou desta teoria.<sup>20</sup> Então, foi proposta a segunda hipótese dos documentos. Esta admitia a existência de três fontes básicas para o Pentateuco. Elas eram originalmente independentes e foram combinadas por um redator. Mais tarde, com a teoria de De Wette, dizendo que o Deuterônomo era um documento à parte, distinto dos demais do Pentateuco, passou-se a aceitar quase de forma universal a presença de quatro documentos básicos, sendo eles: J - E - D - P.<sup>21</sup>

Como tempo eles foram datados em várias épocas. Wenhan, baseando-se em algumas afirmações de Rendtorf, defende que a datação das fontes têm sido baseadas apenas em hipóteses, as quais podem levar o estudioso a optar por datas que vão desde a época de Moisés até à de Ezequiel, demonstrando com isto a vulnerabilidade das propostas.<sup>22</sup> Contudo, no decorrer dos anos, prevaleceram as seguintes: J (Documento

17 SELLIN, Ernest. & FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. p. 139.

18 ARCHER Jr. op. cit., p. 466

19 SELLIN, op. cit., p. I 39-140.

20 Ibid., p. 140.

21 Ibid., p. 140-141.

22 WENHAN, G.J. Números: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1985 p. 27.

Javista) procedente do século IX; E (Documento Eloista) do século VIII; D (Documento Deuteronomista) do século VII e P (Documento Sacerdotal) do século V.<sup>23</sup>

Outras datas, também em outras seqüências, foram propostas, mas não receberam tanta aceitação como estas aqui relacionadas.<sup>24</sup> Por exemplo: J. Briend, tratando apenas do caso do documento P, defende uma produção em etapas que vai do período Pré-exílico até o Pós-exílico, passando pelo Exílico.<sup>25</sup> O que vai completamente contra às afirmações de Loretz, que diz ser ele, o Documento P, uma produção da época do Cativoiro Babilônico ou, ainda, mais recente,<sup>26</sup> e de Schereiner que o apresenta como tendo sido produzido, apenas, na época do cativoiro.<sup>27</sup>

A hipótese dos documentos, também não estacionou, se desenvolveu cada vez mais. Alguns estudiosos começaram a descobrir outras fontes dentro das já reconhecidas. Assim surgiram, na opinião de Smend, dentro de J, as fontes J1 e J2, e no parecer de Procksch, o documento E deveria ser formado por E1 e E2, além de PA e PB na opinião de G. Von Rad.<sup>28</sup>

Sellin, por sua vez, defende a possibilidade da existência de outro “estrato fonte”, o qual considera em conjunto com J E D P. Este estrato seria de época pré-exílica e, na falta de concordância, até o momento, quanto à sua designação, propõe-lhe a nomenclatura de: “estrato fonte nomade”, e a representa pela letra N.<sup>29</sup>

Na opinião de Sellin e Fohrer, o resultado das pesquisas apontam para quatro pontos:

1. Nenhuma das hipóteses pode receber o título de exclusiva;
2. As hipóteses são, de fato, métodos utilizados para a formação do Pentateuco;
3. Estas hipóteses devem ser consideradas como documentos;
4. Os estratos fontes não devem ser apenas distinguidos, mas levan-

23 SELLIN, op. cit., p. 141.

24 Ibid., p. 139-141 .

25 BRIEND, J. Uma Leitura do Pentateuco. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

26 LORETZ, O. Criação e Mito: homem e mundo segundo os capítulos iniciais do Génesis. São Paulo. Edições Paulinas, 1979. p. 51.

27 SCHEREINER, J Palavra e Mensagem: introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1978. p. 57.

28 SELLIN, op. Cit., p. 145-146.

29 Ibid., p. 220.

tada a sua situação vital (Sitz im Leben).<sup>30</sup>

Daí concluem, com segurança, que antigamente existiam vários estratos fontes, os quais surgiram paulatinamente, uns após os outros, cobrindo um período que vai desde os primórdios até os tempos antigos e à época da morte de Moisés e da conquista da Palestina. Sendo, mais tarde, estes estratos, reunidos ou combinados entre si, provavelmente em várias etapas.<sup>31</sup>

Um dos grandes problemas destas teorias é o exagero nos detalhes quando se procura separar os componentes de determinados estratos. Em alguns casos são divididos versículos e meios versículos ou separadas palavras do texto geral como foi feito na composição da Bíblia Policrômica.<sup>32</sup> Este excesso trabalha contra as teorias, pois tira a força dos argumentos ao sugerir uma precisão que aos olhos de muitos seria impossível.

Como não é possível no espaço deste artigo apresentar as várias propostas a respeito do conteúdo dos estratos fontes, sugere-se que o leitor, como exemplo, verifique a proposta de Sellin e Fohrer.<sup>33</sup> Como será possível notar, pela maneira como os versículos são divididos, dentro de cada estrato, mesmo que a hipótese das fontes tenha grande valor, a separação atual do material que as compõe tem muito de subjetividade, depende, em grande parte, das opiniões e, até mesmo, da criatividade de quem as separa.

Bentzen, citando Von Rad diz que o problema que se pretende resolver pela Hipótese Documentária é a “*Unfoermlichkeit*” do Pentateuco. Ou seja, a informidade. A falta de uma seqüência uniforme esperada da ação de um único autor.<sup>34</sup> Olhando para tudo o que foi apresentado até aqui pode-se dizer que este objetivo foi atingido: o relato do Pentateuco não é uniforme porque não foi escrito por um único autor, é resultado da compilação de algumas fontes. O difícil agora, como já foi visto, é chegar ao conteúdo exato destas fontes tão mescladas umas com as outras, e descobrir quem fez o trabalho final e com que objetivo em mente.

30 Ibid., p. 148-149.

31 Ibid., p. 152.

32 BENTZEN, A. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968. p.72 .

33 SELLIN, op. cit., p. 200, 201, 208, 209, 210, 220, 221, 237, 248, 249. Para uma compreensão melhor fica a sugestão de uma leitura completa das páginas 194-265.

34 BENTZEN, op. cit., p. 20, 21, 34.

### **3. O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO CRÍTICO DO PENTATEUCO**

Por motivos de tradição, o estudo crítico do Pentateuco bem como de toda a Bíblia demorou para surgir, mas quando surgiu não parou mais de se desenvolver e não tem demonstrado, até o momento, sinais claros de que um dia vai parar de progredir. Sempre surgem novas dúvidas e com elas possíveis soluções buscadas de forma incansável no estudo crítico do texto.

Ainda que muitos se assustem com a maneira como alguns críticos apresentam o resultado de suas pesquisas, desconsiderando por completo o impacto que uma teoria aparentemente contrária ao entendimento básico e superficial cristalizado nas tradições da Igreja pode causar, a contribuição da crítica não pode ser ignorada. Ainda que tenha levantado várias dúvidas no decorrer de seu desenvolvimento, ela tem conseguido esclarecer muitas das dificuldades que fazem parte do texto final.

Nesta parte, será demonstrado, em linhas gerais, como vem acontecendo este desenvolvimento, tão saudável, que parece não ter fim.

#### **3.1 As formas básicas da crítica aplicada ao pentateuco**

Em primeiro lugar, neste ponto, serão apresentadas as formas básicas da crítica aplicada ao Pentateuco, ou aquelas que poderiam ser chamadas de tradicionais, no sentido de mais conhecidas, ou aplicadas. Depois, em outros sub-itens, serão apresentadas algumas maneiras menos freqüentes e mais modernas de se abordar a questão. Serão apenas exemplos rápidos, limitados exatamente pela abundância de métodos. Pois, como diz Gottwald, os métodos têm se diversificado tanto que é duvidoso existir na atualidade algum estudioso bíblico conhecedor, de forma profunda, de todos eles.<sup>35</sup>

##### **3.1.1 A Crítica Textual**

A crítica textual, também chamada de baixa crítica, de forma óbvia não se limita ao Pentateuco, se estende por toda a Bíblia. Sua função é simples, seu trabalho é árduo. Tem como objetivo restaurar o texto original dos possíveis danos causados por erros de copistas. Como na atuali-

35 GOTTWALD, N. K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988. p. 20.

dade não existe nenhum autógrafo, isto é, nenhum texto que tenha vindo com certeza do próprio autor, o trabalho do crítico textual se reveste de grande importância. A ele, baseado em comparação de cópias e antigas versões, cabe a tarefa de preparar o texto para que estudos mais aprofundados possam ser levados a efeito.<sup>36</sup>

De nada adiantam estudos sérios e detalhados sobre um texto que não diz aquilo que dizia em seu estado primitivo. Daí a importância da Crítica Textual. Principalmente, porque antes da invenção da imprensa os erros existiam em grande quantidade.

### 3.1.2 A Crítica Literária

A crítica literária depende, em parte, do trabalho da crítica textual, a também denominada baixa crítica. Por isso, ela foi chamada em tempos mais antigos de alta crítica. Enquanto a baixa crítica se preocupa com as questões mais elementares, os erros que entraram nos textos copiados, a alta crítica, depois de estabelecido o texto correto, trabalha para estabelecer os níveis superiores da estrutura crítica.<sup>37</sup> Ela não se limita ao Pentateuco. Veja a seguir qual é a função da crítica literária na opinião de Schreiner:

Procura abranger todo o material do AT, classificando-o segundo o tempo e a procedência, e reestruturando-o nas suas unidades originariamente autônomas. O seu trabalho visa a descobrir e destacar as fontes, a reconhecer e separar as elaborações, a classificar os estratos pela sua antigüidade e sucessão. Ela visa ainda a compreender o modo e os motivos de seu entrelaçamento com a obra literária em questão; procura, finalmente, determinar, no decurso da história cultural do AT, o lugar certo de cada trecho e das suas coleções.<sup>38</sup>

O trabalho do crítico literário não é nada fácil. Bruce toma como exemplo desta dificuldade a obra de Taciano, o qual, no segundo século, partindo do material que tinha em mãos, o Evangelho Segundo João e os Sinópticos, produziu uma compilação dos mesmos em narrativa contínua.

Segundo Bruce, se os críticos modernos não possuíssem os Evangelhos Sinópticos e o de João e procurassem, com base no Diatessaron de Taciano, reconstruí-los, encontrariam várias dificuldades, e seria mesmo duvidoso

36 BRUCE, F. F. Criticismo Bíblico. In ALLEN, Clifton. ed. ger. Comentário Bíblico Broadman. Rio de Janeiro. JUERP, 1988. p. 354.

37 *Ibid.*, p. 354.

38 SHEREINER, op. cit., p. 58,59.

que conseguissem separar todas as fontes pela quantidade de material em comum que existe. Por outro lado, é evidente que muitas partes do material poderiam ser separadas com relativa facilidade. Reconhecer de forma geral aquilo que é joanino ou que pertence aos sinópticos não seria tão difícil, pois os estilos são muito diferentes. Para ele, algo semelhante, guardando-se as proporções, acontece com o trabalho desenvolvido pela crítica literária do Pentateuco, mais especificamente a crítica das fontes que é um ramo desta. Não é tão difícil de se perceber, e existe uma certa concordância quase geral, em que existem fontes diferentes no Pentateuco. Quais as suas datas, como foram utilizadas, como eram na forma original e outras questões mais é que são difíceis de se determinar, e criam os pontos de discórdia entre os eruditos.<sup>39</sup>

O criticismo do Pentateuco foi fundamental para todo o Antigo Testamento. Aquilo que começou com Witter e depois com Jean Astruc, tomou corpo mais tarde com J. Wellhausen (1876/7) e conseguiu conquistar a simpatia da maioria dos eruditos da área, os quais passaram a aplicar o método a outras partes da Bíblia.<sup>40</sup>

O método de Wellhausen, ainda que aceito por tantos eruditos, também sofreu pesados ataques. Ele chegou a traçar uma sinopse das fontes do Pentateuco, demonstrando que elas formam um quadro nítido da história de Israel. Quadro este que não batia com os pontos de vista tradicionais o que lhe rendeu inúmeros e violentos ataques.

Contudo, muitos de seus próprios adversários chegaram a usufruir de seu método, ainda que, em suas conclusões, se esforçassem para manter uma interpretação que estivesse de acordo com as tradições da sinagoga e da Igreja. Foi o caso de H.L. Strack (1883), E.K.A. Richm (1889), E. Köning (1893), W. Graf Baudissin (1901) e E. Sellin (1910, 1935).<sup>41</sup>

Wellhausen conseguiu tanta aceitação pela maneira como combinou, de forma coerente, várias tendências dos estudiosos que o precederam. Seu trabalho marca o fim de um longo processo de estudos críticos e sua metodologia acabou por se tornar um padrão para os críticos das próximas gerações.<sup>42</sup>

39 BRUCE, op. cit., p. 355

40 Ibid., p. 355-356.

41 SELLIN, E. & FOHRER, G., op. cit., p. 7.

42 JONES, op. cit., p. 6.

Nos dias atuais, com o crescente conhecimento sobre a história religiosa e literária das regiões onde aconteceram os fatos bíblicos, a teoria popularizada por Wellhausen tem demonstrado vários sinais de fraqueza, mas ainda não surgiu nenhuma outra que tenha recebido tanta aceitação como ela recebeu em seu período áureo.<sup>43</sup>

Como diz Kidner: “a velha análise literária do Pentateuco ainda é de fato tratada como substancialmente válida, sendo empregada como base da maior parte das obras subseqüentes, mesmo que o interesse primário tenha mudado para outras áreas. Todavia, parece digno de nota mencionar que grande parte dela não pode ser provada”.<sup>44</sup>

### 3.1.3. A Crítica da Forma

Mal chegava ao seu auge a Crítica Literária com Wellhausen, quando já surgia a pesquisa histórico-morfológica, a chamada Crítica da Forma. Seu início se deu com Gunkel, que passou a identificar no Livro de Gênesis diversas formas literárias. A partir de então não se podia mais entender uma passagem sem distinguir seu gênero literário e a situação vivencial que a havia produzido.<sup>45</sup>

Ela surgiu como resposta à necessidade de uma nova leitura do Pentateuco criada, principalmente, pelas posições tomadas pelos críticos em relação ao texto bíblico, agora iluminados pelas muitas descobertas e conclusões da arqueologia, fato este que enfraqueceu em muito as teorias aceitas até aquele momento.<sup>46</sup>

Não era uma reviravolta total na maneira de se encarar o estudo crítico do Pentateuco que surgia. Ainda que a Crítica da Forma, em muitos casos, não concorde com a teoria de Wellhausen a respeito de como surgiram as fontes J. E. e P. do Pentateuco, no geral, trabalha dentro destes três agrupamentos. Contudo, sem dividir textos de forma tão arbitrária, evitando adivisão detalhada que era feita, até mesmo, dentro de versículos isolados.<sup>47</sup>

43 BRUCE, op. cit., p. 356.

44 KIDNER, Derek. Gênesis : introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979, p 18.

45 SCHREINE R, op. cit., p. 60-68.

46 JONES, op. cit., p. 8-10.

47 FRANCISCO, C. T Gênesis. In ALLEN, C. ed. Ger. Comentário Bíblico Broadman. Rio de Janeiro: JUERP. 1988. p. 152-153.

Merece destaque a posição de Hermann Gunkel que através da observação dos gêneros literários empregados no Pentateuco, e da comparação destes com aqueles que se encontravam, também, entre os vizinhos de Israel, concluiu que o Livro de Gênesis era, em grande parte, uma compilação de sagas que foram preservadas na forma oral por muito tempo, até que foram colocadas na forma escrita em um período posterior.<sup>48</sup>

A Crítica da Forma procura isolar unidades específicas na sua forma própria e fazer algumas perguntas a respeito do texto. Como por exemplo: qual foi o seu uso; qual é o seu contexto cultural; qual é o seu propósito etc. Desta maneira, o crítico da forma tem a tendência de deixar de lado o documento como tal e buscar seus componentes isolados, nos quais emprega esforço para compreendê-los.<sup>49</sup> “Em sua definição mais estreita é a análise de literatura que visa a identificação dos estilos literários (poesia, narrativas, etc) utilizados pelos escritores para escrever”<sup>50</sup>

Havia sido dado mais um passo no progresso da crítica do Antigo Testamento, mas ainda não era o suficiente. Parece que a formulação ou descoberta de um novo método está sempre a atrair ainda outro.

Pode-se dizer que a avaliação realmente crítica da Bíblia começou com a utilização da crítica das fontes, a qual foi seguida pela crítica das formas e, em seguida, pela das tradições,<sup>51</sup> como será visto no próximo ponto.

### 3.1.4 A Crítica das Tradições

Inicialmente os críticos procuravam identificar as fontes que foram utilizadas pelos autores do texto bíblico, em uma próxima etapa ficou claro que isto não era tudo e passou-se a pesquisar a tradição oral, formas ou gêneros além dos ambientes em que surgiram tais escritos.<sup>52</sup>

O método da história da tradição tem como precursores Gunkel e Hugo Gressmann. Ainda que se utilizem da metodologia da crítica literária e da forma, se mostram mais interessados na história do texto desde seu início, na forma oral, até seu último estágio no escrito atual.

48 ARCHER JR, op. cit., p. 481-482.

49 HARRISON, R. K. Levítico: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. p. 18 -19.

50 JONES, op. cit., p. 10.

51 GOTTWALD, op. cit., p. 35.

52 *Ibid.*, p. 21.

Procuram descobrir como aconteceu o processo contínuo de edição dos textos que agora fazem parte da Bíblia.<sup>53</sup>

Foi ainda: na primeira metade do século XX que se percebeu a importância da história da tradição. O texto em si, com suas formas bem definidas, já não bastava para acalmar o senso crítico dos estudiosos. Passou-se a investigar, até onde era possível, a situação da tradição em sua forma oral, antes de ser colocada por escrito.<sup>54</sup> Um exemplo destas tradições, segundo Wolff, seria a história da mulher de Abraão, a qual é contada três vezes em Gênesis, com algumas diferenças. Decorre daí que, este acontecimento, antes de ser colocado por escrito, como está na forma atual, subsistia em uma forma oral que sofreu algumas variações, resultando então na diversidade de relatos como conhecidos agora.<sup>55</sup>

### **3.2. Propostas críticas de abordagem que marcaram época**

Além dos métodos críticos “tradicionalistas” apresentados até aqui, no decorrer dos anos outros têm sido apresentados, numa demonstração clara de que os problemas principais que envolvem este campo do estudo bíblico ainda não foram resolvidos.

Na seqüência serão apresentadas as opiniões de alguns estudiosos da questão. Eles, de uma ou outra forma, têm apresentado propostas alternativas para a abordagem do Pentateuco que marcaram época, ou seja, serviram como formadores de opinião e incentivaram, de forma marcante, o desenvolvimento do debate sobre a questão.

#### **3.2.1 A Proposta de Gerhard von Rad**

Gunkel havia providenciado uma base melhor para a compreensão da literatura do Pentateuco e, mesmo, de toda a Bíblia. A arqueologia colocou Israel de forma mais coerente dentro de seu contexto histórico, ao lado de outras nações com as quais compartilhava de muitos conhecimentos e costumes em comum.

Mas isto não significa que os problemas envolvendo a maneira de se entender o Pentateuco estavam resolvidos. Pelo contrário, novos desafios surgiam.

53 FRANCISCO, op. cit., p. 153.

54 WOLFF, H.W. Bíblia : Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudos. São Paulo. Edições Paulinas, 1982. p. 24-25.

55 Ibid.

Para solucionar as novas questões levantadas é que, principalmente Gerhard von Rad, em suas três obras básicas a respeito do assunto: “A Questão da Crítica das Formas no Hexateuco”; “Comentário de Gênesis”; e sua “Teologia do Antigo Testamento”, propõe que os escritores do Pentateuco lançaram mão das antigas tradições históricas de Israel para produzirem uma espécie de *kerygma*, ou seja uma mensagem específica dentro de um período histórico específico.<sup>56</sup>

Para von Rad a História de Israel era de fato a história da salvação: o registro de como Deus agiu em várias ocasiões para livrar o seu povo. Estes atos de Deus foram reconhecidos por Israel através da fé e por este motivo não poderiam ser investigados de forma coerente pela crítica literária. Eram declarações de fé proferidas por Israel em momentos específicos e como tais deveriam ser entendidas.<sup>57</sup> Ele defende, literalmente, que o Hexateuco, não apenas os cinco mas os seis primeiros livros da Bíblia, nos fornece uma história da salvação que é fruto da confiança, o que demonstra o seu caráter de profissão de fé.<sup>58</sup>

No seu modo de entender o Pentateuco, von Rad propõe que cada geração de israelitas possuía necessidades teológicas diferentes. Por isto as tradições, de época em época, vinham sendo atualizadas para suprir as necessidades do momento. Estas atualizações não interferiam nos documentos anteriores, eram colocadas lado a lado com os mesmos, o que acabou por criar uma base de tradições cada vez maior.<sup>59</sup>

O seguinte texto de Deuteronômio 26.5-9 é um bom exemplo daquilo que von Rad chama de *kerygma*:

Então testificarás perante o Senhor teu Deus e dirás: Arameu, prestes a perecer, foi meu pai, e desceu para o Egito, e ali viveu como estrangeiro com pouca gente; e ali veio a ser nação grande, forte e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram e afligiram, e nos impuseram dura servidão. Clamamos ao Senhor, Deus de nossos pais; e ele ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa angústia, para o nosso trabalho e para a nossa opressão; e nos tirou do Egito com poderosa mão, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres; e nos trouxe a este lugar, e nos deu esta terra, que mana leite e mel.

56 JONES, op. cit., p 13-17.

57 lbid., p. 16.

58 Von RAD, G. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1973. p. 115.

59 JON ES, op. cit., p. 16.

Não é difícil, neste texto, de se perceber o esboço geral do que pode ser uma proclamação de fé de Israel, o que seria chamado por von Rad de *kerygma*. Aqui, como em outros locais da Bíblia, é possível notar a seqüência: Arameu; Egito; nação; sofrimento; servidão; libertação e conquista. Elementos básicos da história da salvação de Israel.

A confissão que se encontra nestes versículos, juntamente com os do capítulo 6.20-25 deste mesmo livro, representa aquilo que von Rad propôs como sendo “o breve credo histórico”, o qual possui reflexos, ainda, em outras partes do Antigo Testamento, como em Josué 24.2b-13, I Samuel 12.8, Salmo 136 e outros.<sup>60</sup>

Esta proposta de von Rad é uma grande mudança em relação à forma pela qual o Pentateuco era analisado anteriormente. Ele não desprezou os conhecimentos proporcionados pela crítica dos séculos anteriores, pelo contrário, utilizou os seus resultados. Contudo, foi mais além, entendendo “as narrativas do Pentateuco como expressões ‘contextualizadas’ da fé de Israel”.<sup>61</sup>

### 3.2.2 A Proposta de Hans Walter Wolff e Walter Brueggemann

A influência de G. von Rad, que interpretava o Pentateuco como *kerygma*, se espalhou por toda a Europa e também pelos Estados Unidos. Entre os que mais se beneficiaram da sua proposta estão o alemão Hans Walter Wolff e o americano Walter Brueggemann.

Estes dois estudiosos não desprezaram os resultados passados da crítica do Pentateuco. De Wellhausen aprenderam a perguntar: “A que estrato literário pertence o texto?”, o que, para eles, pode estar representando o ponto inicial para qualquer abordagem responsável para a interpretação.<sup>62</sup> De Gunkel aprenderam como levantar a questão da tradição oral que está por trás dos documentos escritos, fazendo as perguntas: “Em que forma está o texto, de que contexto vital (Sitz im Leben) deriva e o que está ocorrendo no texto enquanto evento de fala e escuta.”<sup>63</sup> De Albright aprenderam a

60 THOMPSON, J.A. Deuteronômio: introdução e comentário. São Paulo : Edições Vida Nova, 1982. p. 244.

61 JONES. op. cit., p. 17.

62 BRUEGGEMANN, W & WOLFF, H. W O Dinamismo das Tradições do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 30.

63 Ibid

perguntar: “O que num texto é fatorialmente verídico para a história, dentre uma variedade de elementos tradicionais”;<sup>64</sup> e de G. von Rad a perguntar a respeito da forma que o texto foi “remodelado” a ponto de chegar a ser uma expressão da fé normativa de Israel, além de questionar a maneira como “este texto pode se tornar veículo da fé confessante da comunidade”.<sup>65</sup>

A análise querigmática de Wolff é fruto de seu contexto alemão pré-II guerra mundial. Nesta época a chamada Igreja Confessante se desligou da estatal por não aceitar as relações desta com o movimento nazista. Para Wolff, e também para os outros participantes da Igreja Confessante, era necessário uma volta à Bíblia com a intenção de ouvi-la como Palavra de Deus. Era necessário descobrir nela o objetivo querigmático. Ela devia ser lida como uma confissão de fé.<sup>66</sup>

Contudo, na opinião de Wolff, esta necessidade de entender a Bíblia como sendo a Palavra de Deus não começou em sua época, por causa dos problemas enfrentados pela igreja naquela ocasião. Ela sempre existiu. Para ele, tanto Israel quanto a Igreja sempre foram uma “igreja confessante” que questionava os valores cultuais do dominante. Sendo assim, ao tomar-se um texto para interpretá-lo deve se procurar nele a confissão de fé da comunidade expressa em seu conteúdo.<sup>67</sup>

Para se encontrar esta confissão de fé deve-se levar em consideração, pelo menos, dois princípios gerais de hermenêutica. O primeiro é rejeitar qualquer método hermenêutico que procure dominar o texto e não ser dominado por ele, já que a multiplicidade das formas literárias do Antigo Testamento, na opinião dele, são resistentes a qualquer tipo de sistematização. O segundo é interpretar os textos dentro de seus contextos históricos.<sup>68</sup>

Utilizando esta metodologia foi que Wolff tentou demonstrar “a luta de Israel para manter a sua fé. Então, cada documento do Pentateuco se tomou o ‘ponto de encontro’ entre o intérprete na sua própria época e Israel, e produziu uma das seguintes conseqüências: (1) a proclamação das boas novas, (2) julgamento ou, (3) uma chamada para arrependimento. Assim, as tradições históricas foram transformadas em *kerygma*”.<sup>69</sup>

64 Ibid.

65 Ibid., p. 31.

66 JONES. op. cit., p. 19.

67 Ibid.

68 Ibid.

69 Ibid. p. 19-20.

O trabalho de Wolff foi desenvolvido em cima dos documentos do Pentateuco aceitos pela crítica do século XIX. Ele trabalhou para demonstrar o *kerygma* do Javista, do Eloísta e da obra Histórico-Deuteronomista, enquanto Brueggemann, utilizando-se da mesma metodologia, procurou completar a obra de Wolff trabalhando para determinar o *kerygma* dos Escritos Sacerdotais.<sup>70</sup>

Para encerrar este ponto é bom notar que Wolff e Brueggemann não foram simples continuadores da obra de von Rad. Eles desenvolveram a metodologia que havia sido proposta por von Rad, dando uma nova direção na compreensão do Pentateuco. Aquilo que mais difere entre as obras destes eruditos é o seguinte: G. von Rad procurou aplicar seu método a todo o Antigo Testamento, enquanto Wolff e Brueggemann se limitaram ao Pentateuco, von Rad estava interessado particularmente no *kerygma* do javista, enquanto seus sucessores se interessaram no *kerygma* dos outros escritores; e, o mais importante, von Rad reconheceu apenas um princípio unificador do pensamento teológico do povo de Israel, o qual se encontra no javista, enquanto Wolff e Brueggemann chegaram a descrever o *kerygma* de todas as tradições propostas do Pentateuco, J.E.D.P.<sup>71</sup>

### 3.2.3- A Proposta de David J. A. Clines

A proposta do inglês David J. A. Clines é o resultado do combate a duas tendências básicas da crítica moderna. A primeira, a que ele chama de “atomismo”, estava dissecando cada vez mais o texto bíblico na tentativa de compreendê-lo, mas acabava por negligenciar, por causa do próprio método, a função dos grandes trechos que se encontram nesta literatura. A segunda tendência foi definida por ele como “geneticismo”. Esta dava importância muito grande às origens dos textos, o que acabava por atrapalhar as tentativas de interpretação do Pentateuco em sua forma final, o que para ele é o mais importante, pois, em sua opinião, o Pentateuco é uma unidade na forma final e não na sua origem.<sup>72</sup>

Sua metodologia propõe a necessidade de se encontrar o tema da literatura em sua forma final. Contudo, não foi muito preciso ao definir aquilo que ele mesmo considerou como tema. Ele disse que:

70 BRUEGGEMANN, op. cit., p. 47-137.

71 JONES, op. cit, p. 24.

72 lbid. p. 26.

1) “o tema de uma obra literária pode ser uma declaração que descreve o enredo da obra”<sup>73</sup>; ou 2) “o tema pode ser uma descrição da ideia central da obra”<sup>74</sup>; ou 3) “o tema pode ser o motivo que produziu a literatura”<sup>75</sup> ou 4) “o tema pode ser definido como a função da obra”<sup>76</sup> ou, ainda, 5) “pode se referir a um aspecto da intenção do escritor”.<sup>77</sup> Esta imprecisão na definição só pode tralhar contra seus próprios argumentos.

Seja como for, ele não deixou de propor um tema para o Pentateuco como um todo. Sua proposta, conforme citação de Jones é a seguinte: “O tema do Pentateuco é o cumprimento parcial que implica no não-cumprimento parcial – da promessa de abençoar dos patriarcas. A promessa ou bênção é, ao mesmo tempo, a iniciativa divina num mundo onde a iniciativa humana sempre produz desastre, e a reafirmação das intenções divinas primevas para o homem”<sup>78</sup>

Depois de explicar a participação de cada livro do Pentateuco na composição do tema geral, Clines tratou dele em sua forma final, ao qual, em sua opinião, foi fixada na época do Cativo Babilônico. Nesta análise reconheceu dois aspectos da função do Pentateuco que estavam intimamente ligados: o histórico e o teológico. O histórico era a interpretação da história de Israel para os exilados na Babilônia e o teológico a contextualização desta história para as gerações posteriores. Como se pode notar, não é fácil de separar estes dois aspectos.<sup>79</sup>

Parece que a contribuição maior de Clines foi chamar a atenção dos críticos modernos para a necessidade de tratar o Pentateuco como um todo, na sua forma final, já que é desta maneira que ele tem sido considerado pela igreja como Palavra de Deus.

### 3.3. Novas propostas críticas de abordagem

Além das propostas mais conhecidas que foram apresentadas até aqui, existem outras inúmeras que ainda não receberam, e quem sabe nunca rece-

73 lbid.

74 lbid.

75 lbid.

76 lbid.

77 lbid.

78 JONES, op. cit., p. 27.

79 Ibid. p. 27-28.

berão, tanta atenção dos críticos. Uma breve explanação de algumas delas serve para dar uma ideia mais clara de como ainda é complicada a questão.

### 3.3.1. A Proposta de J. Greimas

Como já foi possível perceber, por vários motivos o estudo crítico do Pentateuco, e mesmo de toda a Bíblia, demorou para aparecer. Mas, depois que surgiu, não pára de se desenvolver. São muitos os métodos que têm sido sugeridos pelos eruditos como sendo a maneira ideal de se abordar as Escrituras. Entre eles, nas últimas décadas, alguns defendem a utilização da análise estrutural. Ela em si já se divide em várias possibilidades e formas, mas uma das principais é a defendida por A. J. Greimas.

A proposta de Greimas não se limita ao Pentateuco, ela se aplica a todas as partes das Escrituras Sagradas. Ela merece ser analisada, neste ponto, para que fique demonstrada a sua complexidade e a luta de alguns críticos em busca da forma ideal de compreensão dos textos.

Em um estudo bastante complicado, cheio de fórmulas e termos de difícil compreensão para o não “iniciado”, um grupo de autores, liderados por E. Charpenter, procura explicar o método defendido por Greimas, apresentando, inclusive, uma amostra da aplicação do método em um texto do Pentateuco, no relato do primeiro assassinato. O título da obra esconde a sua complexidade. O nome “Iniciação à Análise Estrutural” dá a entender que se trata de algo simples ou, ao menos, básico. Porém, quando se parte para a leitura, encontra-se um texto de difícilíssima compreensão. Tem-se, inclusive, a impressão de que os próprios autores não chegam a nenhum acordo, e isto fica evidente na parte final do livro onde há o resumo de um debate entre eles.<sup>80</sup>

Seja como for, eles apresentam, em linhas gerais, o que vem a ser a análise estrutural. Ela, ao contrário de outros métodos, não está, ao menos em primeira mão, preocupada com o sentido do texto, mas sim em como é que ele funciona, ou produz o sentido, ou os sentidos, de determinada passagem, isolada, inclusive, de seu contexto.<sup>81</sup>

Ainda que possuindo algumas coisas positivas, como a verificação do texto em todos os seus detalhes, testando-o com várias possibilida-

80 CHARPENTER, E.; ESCALLE, Marie-Christine; GIROUD, Jean-Claud et al. *Iniciação à Análise Estrutural*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 5-100.

81 *Ibid.* p. 8.

des, a fraqueza do método de Greimas surge claramente no comentário de um dos autores do livro “Iniciação à Análise Estrutural”, no debate final quando ele diz: “Ouçam o que aconteceu com o próprio Greimas. Tendo feito a análise de um texto de Dumézil, ele a apresentou ao autor, dizendo: ‘Veja como funciona o sentido neste texto’, ao que Dumézil respondeu: ‘Mas eu nunca quis dizer isso!’ . Certamente Dumézil queria dizer alguma coisa, mas na realidade, seu texto, tal como estava escrito e sem que tivesse consciência disso, funcionava de outra maneira”.<sup>82</sup>

Este exemplo pode muito bem estar mostrando que Dumézil foi infeliz em sua tentativa de comunicar alguma coisa, o que foi detectado pela análise estrutural. Por outro lado, mostra de forma muito clara que o método utilizado por Greimas não foi capaz de conduzir o crítico ao significado intencionado pelo autor do texto. Bem, esta conclusão pode ser questionada. Afinal, não é intenção do crítico ao utilizar este método, segundo os autores aqui analisados, dar o significado da passagem (ainda que tenha dado no exemplo acima), mas mostrar como é que ele funciona. Contudo, não seria de se perguntar para que serve um método como este no estudo da Bíblia? Se a intenção não é apresentar o significado e, quando o apresenta, nem mesmo o próprio autor o reconhece, não há motivo lógico para empregá-lo no estudo bíblico; carece de modificações e aperfeiçoamento.

### 3.3.2 A Proposta de J. Briend

Briend, em seu livro “Uma Leitura do Pentateuco”, demonstra uma influência acentuada de Wolff e Brueggemann. Ele aceita plenamente os resultados clássicos da teoria das fontes e procura uma utilidade para elas. Contudo, ele tem uma visão um tanto diferente dos demais aqui apresentados. Ao mesmo tempo que busca descobrir a utilidade das quatro fontes básicas aceitas por grande parte da crítica, ele não descarta a possibilidade de se aproveitar o Pentateuco em sua forma atual.<sup>83</sup>

Assim, agindo desta maneira, ele levanta outras questões bastante complicadas. Teriam os documentos formadores do Pentateuco, isoladamente, em alguma época, sido utilizados por Israel como Palavra de Deus? E se foram. O que deve ser considerado hoje como Palavra de Deus, os

82 *Ibid.* p. 92.

83 BRIEND, J. *Uma Leitura do Pentateuco*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

documentos originais ou a obra formada pelo conjunto deles? Ou seriam tanto os documentos isolados como o resultado final assim considerados?

Não se pode ignorar que, se de fato é possível separar o Pentateuco em quatro documentos completos, com propósitos específicos, e extrair deles isoladamente a mensagem de Deus, como o faz Briend, o problema se tomou maior do que já era. Pois é claro que o Pentateuco, como um todo, não pode possuir a mesma mensagem das partes isoladas pela crítica. Elas seriam diferentes, e o intérprete teria que optar por uma delas como sendo a verdadeira. Ao que tudo indica, ainda não há solução fácil à vista. Os críticos precisam continuar as suas pesquisas que, embora tenham progredido, não podem ser consideradas suficientes neste momento.

### 3.3.3. A Proposta de Marco Nobile

Nesta parte será tratada a proposta de um teólogo italiano. Sua proposta não é totalmente, ou mesmo basicamente, diferente de outros de passado próximo, mas é uma demonstração da tendência atual.

O teólogo em pauta se chama Marco Nobile, um franciscano que leciona Antigo Testamento no *Pontificio ateneo Antonianum* em Roma. Ele propõe, em seu livro *Introduzione all' Antico Testamento*, um método científico que analise o Pentateuco em sua forma atual. Não é uma volta ao período pré-crítico, mas uma abordagem que vá além das análises das fontes e trate a obra como se encontra na atualidade.

Ele faz questão de demonstrar que reconhece as fontes e que aceita, em grande parte, as teorias que tratam das mesmas. Porém, chama a atenção para o fato de que o Pentateuco, ou melhor, ele não trata apenas do Pentateuco, o Pentateuco e outros livros em conjunto, formam uma unidade histórica. Em seu método, deve ser levado em conta a possibilidade de Gênesis - II Reis, excluindo-se o Livro de Rute (que na opinião dele foi incluído mais tarde), formarem uma história coesa, a qual foi escrita, ou melhor, compilada por um redator, em período Pós-exílico com o objetivo de explicar a série de catástrofes pelas quais Israel havia passado.

Para ele, esta obra histórica se divide em cinco ciclos distintos, todos eles iniciando com uma situação de caos. Esta é a seqüência que Nobile defende para o início de cada ciclo:

1. O caos primordial;
2. O caos causado pela união dos filhos de Deus e as filhas dos homens;

3. O caos da confusão de línguas em Babel;
4. O caos da escravatura no Egito;
5. O caos político na época dos juízes.<sup>84</sup>

Esta unidade histórica do Pentateuco em conjunto com mais alguns livros não é novidade, nem está livre de contestações, mas a necessidade de um retomo ao Pentateuco como se encontra na Bíblia, parece ser uma tendência sadia atual.

#### 4. A FORMA ATUAL DO PENTATEUCO

Não se pode negar que o Pentateuco na sua forma atual, ainda que possua uma unidade, provavelmente estabelecida pelo redator final, apresenta um número bastante grande de dificuldades que parecem apontar para a sua origem diversa. Foi isto que levou, e ainda leva, os críticos a trabalharem duro para explicar ou conciliar suas partes com o geral.

Segue uma amostra das dificuldades encontradas no texto atual de Gênesis criadas por possíveis duplicações, nas palavras de Bentzen. Abordando a questão da unidade deste livro, ele diz:

Continuamente encontramos aí intrigantes repetições, p. ex., a dupla narrativa da criação, que contém contradições, parecendo excluir a possibilidade de que um só homem seja o autor de ambas. Duas vezes se diz que Abraão, para salvar sua vida, afirma que Sara é sua irmã, motivo que também é usado numa narrativa sobre Isaque e Rebeca. A genealogia de Sete é dada em duas formas (Gn 4.25sse 5.1ss). Em Gn 8 se narra que o nome Betel é dado em conexão com a fuga de Jacó para a Mesopotânia e no cap. 35, ao se narrar a sua volta; também a mudança de seu nome é dada em duas situações diferentes (Gn 32 e 35). A idade de Ismael é dada de modo diferente em Gn 23.5-6 e 16.16. É difícil entender que o mesmo narrador em Gn 6.19 faça a Deus ordenar a Noé de tomar consigo um casal de tôdas as espécies de animais para a arca, ao passo que em 7.2, sem qualquer nota explicativa, nos diga que Noé tomou sete pares dos animais puros e um só par dos impuros. Em Gn 11.31 Abraão se dirige para a terra de Canaã, mas em 12.1 recebe ordem de ir a um país desconhecido que Javé lhe há de indicar. Enquanto em Gn 18.11 Abraão e Sara são tão velhos que não podem esperar ter filhos, em 25.1 o forte

84 NOBILE, Marco. *Introduzione all' Antico Testamento: la letteratura veterotestamentaria*. Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 1995. p.29-55.

velho toma outra mulher e gera seis filhos. Em Gn 37.25 José é vendido aos mercadores isrraelitas, enquanto no v. 28 é raptado da cisterna, na qual os irmãos o tinham atirado, pelos mercadores midianitas.<sup>85</sup>

Em outros livros do Pentateuco também existem problemas semelhantes. Por exemplo: O sogro de Moisés é conhecido por dois nomes diferentes (Êx 2.16,18; Nm 10.29; Êx 3.1 e 18.1); O chamamento de Moisés é narrado em dois lugares (Êx 3 e 6); Moisés já conhecia o nome de Iavé em Êx 3.15, mas em 6.2 este nome lhe é revelado; Em Êx 4.20, a mulher de Moisés vai com ele no retorno para o Egito, enquanto em Êx 18.5 ela lhe é trazida após a saída do Egito; o milagre das codornizes é contado duas vezes (Êx 16 e Nm 11); e outros mais que poderiam ser relacionados.<sup>86</sup>

Estas dificuldades, ainda que parcialmente explicadas de outras formas, têm apontado para uma longa história do texto antes de sua forma final. Isto, de forma geral, é aceito pela maioria dos estudiosos atuais. Contudo, quanto à época e a maneira que o Pentateuco veio a se tomar o conjunto agora conhecido, continua sendo uma incógnita.

Na opinião de Bentzen, o Pentateuco deve ter tomado a sua forma atual, quase que completa, ainda antes de 400 a.C. Depois desta data ainda sofreu alguns retoques, mas não são de grande monta. O fato de o Cânon Samaritano contar com estes cinco livros aponta para a conclusão dos mesmos antes do cisma completo entre judeus e samaritanos.<sup>87</sup>

Para vários autores, entre eles J. Briend, o Pentateuco não só foi colocado na forma atual antes de 400 a.C., mas foi compilado nesta forma pelas mãos de Esdras.<sup>88</sup> Mas, na realidade não existe nenhuma prova concreta deste acontecimento.

Quem sabe a opinião de Cole seja mais sensata quanto a esta questão. Ainda que em outras palavras ele diz que a época e a pessoa responsável pela forma atual do Pentateuco são desconhecidos. Ainda mais. Talvez, nunca se possa chegar com segurança a uma hipótese aceitável para todos. Além do que, se deve lembrar que a idade do documento não indica

85 BENTEZEN, A. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968. p. 34.

86 BENTEZEN, op. cit., p. 34-35.

87 *Ibid.* p. 83.

88 BRIEND, J. Uma Leitura do Pentateuco. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 10.

necessariamente a idade do material nele descrito. Ele pode ter sobrevivido muito tempo na forma oral.<sup>89</sup>

As questões até aqui abordadas são interessantes e importantes para a compreensão do Pentateuco, mas para a igreja cristã o mais importante é a sua forma atual, como se encontra no conjunto denominado Escrituras Sagradas. Desta composição deve ser buscada a Palavra de Deus para o homem moderno, assim como foi na antigüidade.

Vários autores modernos têm pensado assim. Entre eles, Dattler defende que é na forma atual que está a importância do Pentateuco. Ainda que ele aceite a teoria dos documentos, em parte, mostra-se incrédulo quanto às suas vantagens práticas, e chega a afirmar que é “desaconselhável, e até um tanto ingênuo, o procedimento de comentários modernos que retalham o texto definitivo para reagrupar os fragmentos de acordo com os três documentos clássicos. Um comentário deste tipo torna-se irritante e certamente não corresponde às intenções do hagiógrafo”.<sup>90</sup>

Chegando ao final desta pesquisa a respeito da Crítica do Pentateuco e seu desenvolvimento histórico, o qual foi muito lento até os últimos dois séculos, quando surgiram diversas teorias que se desenvolveram e se multiplicaram, notam-se muitas coisas interessantes que podem ajudar o estudante moderno na compreensão desta parte das Escrituras.

Em primeiro lugar, é importante notar que a chamada “ortodoxia” atrasou em muito o tratamento do Pentateuco de forma crítica. Passaram-se séculos até que alguns estudiosos chamassem a atenção para fatos simples, como a impossibilidade da autoria mosaica para todo o conjunto, coisa que o próprio texto bíblico não reivindica, e para a questão clara das duplicações de textos. Só é possível entender esta demora como sendo fruto do temor de se expor às possíveis reações contrárias daqueles que condenavam qualquer tentativa de explicação para estes fatos como se fossem verdadeiros ataques à tradição e à própria Palavra de Deus.

Também, depois de tudo que aqui foi exposto, não se pode negar a existência de várias fontes por trás do texto atual do Pentateuco. Até o momento não foi possível, ainda que muitos têm tentado, separar estas

89 COLE, R.A. Êxodo: introdução e Comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, s/d p. 49.

90 DATTLER, F. Gênesis: texto e comentário, São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 8.

fontes com clareza, de tal modo que venha a ganhar a aceitação de todos, e, quem sabe, seja duvidoso que isto possa ser feito algum dia. Mas é uma verdade que não se pode contestar, e deve ser levada em conta no estudo do produto acabado, a existência delas na forma oral e mesmo escrita, por que não, antes de passarem a ser partes componentes do documento final que subsiste até hoje.

Isto não diminui em nada o valor religioso que tem sido reconhecido nesta coleção no decorrer dos séculos. Como documento religioso que é, seu valor não está na dependência da quantidade de fontes utilizadas para a sua composição, ou nos métodos empregados para isto. Ainda que verificar estes detalhes seja importante para uma interpretação coerente, sua importância maior está na mensagem oriunda de sua forma final. A crítica não possui um fim em si mesma, ela está a serviço da interpretação correta e assim deve ser utilizada.

Pode-se dizer que o auge do tratamento crítico dispensado ao Pentateuco foi o século XIX, principalmente com a teoria popularizada por Wellhausen, mas de lá para cá muito já mudou. Aproveitando os conhecimentos básicos do século passado, vários autores mais recentes têm dado continuidade aos estudos e apresentado outras alternativas para a compreensão do Pentateuco, como foi o caso de G. von Rad, Walter Wolff e outros. Até o momento, porém, nenhuma destas teorias tem assumido a posição de incontestável. Pelo contrário, ao surgir uma, por mais coerente que pareça, logo surge outra para complementá-la ou contradizê-la. Isto mostra que ainda há muita coisa para ser feita nesta área.

Ainda, é bom lembrar que muitas das teorias propostas nas últimas décadas são fruto da tentativa de se ouvir a Palavra de Deus no Pentateuco. Os críticos não são, em primeira mão, pessoas interessadas em desmoralizar a Bíblia. Mesmo que alguns possam ter trabalhado para isto, na grande maioria são pessoas que amam este livro, buscam o significado máximo de suas mensagens e gastam as suas vidas neste árduo trabalho. A crítica, desta forma, começa a perder a sua aparência de inimiga da Bíblia, em muitos casos imposta a ela por “ortodoxos radicais”, e passa a ser um instrumento a serviço da igreja.

Brueggemann deixa isto claro quando comenta o seguinte a respeito do trabalho de Wolff: “Longe de desafiar a noção da Bíblia como Palavra de Deus, Wolff a toma exatamente como sendo isso mesmo. Toda a sua aborda-

gem exegética consiste em ouvir a Palavra em toda a sua particularidade e autoridade”.<sup>91</sup> Palavras como estas, vindas de uma pessoa que trabalha o texto de forma crítica, a respeito de outra que age da mesma forma, bem mostra as boas intenções de alguns dos críticos modernos. Eles não podem mais ser tratados, em conjunto, como verdadeiros inimigos da Bíblia, da forma como foi feito em passado próximo e, em menor escala, ainda é feito na atualidade em segmentos fundamentalistas.

Finalizando, o estudante moderno, por mais que se interesse por estes estudos e suas conclusões, não deve perder de vista o texto em seu estado atual. Ele é que tem sido considerado pela Igreja como Palavra de Deus no decorrer dos séculos, e nele deve ser buscada a mensagem de Deus para o ser humano de todas as épocas.

---

91 BRUEGGEMANN, W; WOLFF, H. W. O dinamismo das tradições do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 152.